



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



‘Arqueologia preventiva’: fotografias das casas de madeira de Serra Pelada¹

Marcelo Barbalho²
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa)

RESUMO

Este texto apresenta uma breve reflexão sobre fotografias de casas de madeira remanescentes da vila formada em torno do garimpo de Serra Pelada, no Sul do Pará, na década de 1980. O trabalho discute os modos de habitar dos garimpeiros e revela a preocupação do autor – que também produziu as fotos – em realizar uma “arqueologia preventiva”, dado que essas casas estão em processo de desaparecimento, sendo substituídas por construções de alvenaria.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia documental; casas de madeira; arquitetura popular; Serra Pelada; garimpo.

Serra Pelada, como um Eldorado na floresta amazônica, não existe mais. O garimpo, que surgiu no início da década de 1980 e arrastou multidões para uma região próxima a Marabá, no Sudeste do Pará, foi desativado há mais de 30 anos. No entanto, a lembrança desse acontecimento sobrevive por meio de uma profusão de imagens produzidas por fotógrafos e cinegrafistas de TV; por garimpeiros que continuam a viver no local e afirmam que ainda existe ouro no fundo do lago contaminado por mercúrio que hoje ocupa o lugar da antiga cratera; e de um conjunto de casas de madeira remanescentes da época do garimpo. As casas de madeira são justamente o fio-condutor deste texto, inspirado em minha viagem a Serra Pelada para fotografá-las.

Em dezembro de 2022, quando visitei Serra Pelada pela primeira vez, na companhia de uma professora e alunos do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), um dos aspectos que mais despertou minha atenção foi o casario de madeira remanescente da época do garimpo. Nos primeiros anos da febre do ouro, a grande maioria dos trabalhadores vivia em barracas montadas de maneira improvisada nas

¹ Trabalho apresentado no GT Fotografia documental.

² Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: marcelo.barbalho@unifesspa.edu.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



proximidades da cava. As barracas eram construídas com material que os garimpeiros tinham à disposição, como troncos de madeira e palha, cordas e fios de arame, pedaços de plástico, lona ou tecido. Em um espaço pobre e vulnerável, ao se “arranjar” com aquilo que estava disponível, o garimpeiro se transformava em um *bricoleur*.³

Ao escrever sobre “bricolagem da autoconstrução popular” nas favelas do Rio de Janeiro, Paola Berenstein Jacques (2021, p. 41) afirma que o *bricoleur* (nesse caso, o morador da favela) necessita de uma grande capacidade de adaptação e de imaginação construtiva, pois ele não tem um projeto preliminar para a construção de seu barraco. Jacques explica que os materiais recolhidos e reagrupados são o ponto de partida para a construção, que dependerá diretamente do acaso dos achados e da descoberta de sobras. “Os materiais são encontrados em fragmentos heterogêneos; a construção, feita com pedaços encontrados aqui e ali, é forçosamente fragmentada no aspecto formal” (JACQUES, 2021, p. 23).

Do mesmo modo, é possível afirmar que o *bricoleur* de Serra Pelada (nesse caso, o garimpeiro) não era instruído por um projeto pré-definido, uma projeção futura, mas sim por sua instrumentalidade contingente e seu próprio repertório técnico. Se por um lado houve um processo de controle, por vezes bastante autoritário de intervenção na vida social dos garimpeiros – o major Sebastião Curió, ex-combatente da Guerrilha do Araguaia, foi destacado pelo general João Baptista Figueiredo, o último presidente da ditadura militar, para dirigir o garimpo com “mão de ferro” e evitar o contrabando de ouro –, por outro lado a forma de habitar foi marcada pela “viração” e pela “gambiarra”.

O processo de habitação dos garimpeiros parece ter sido ignorado na documentação visual do garimpo, sendo praticamente invisível, por exemplo, nas fotografias de Sebastião Salgado (1999; 2019) e Juca Martins (SIQUEIRA, 2015). Esses autores privilegiaram o registro da massa densa de corpos que se espalhavam como formigas por uma cratera gigante e cavavam a terra em busca

³ *Bricoleur* é um termo utilizado pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss para designar o “pensamento selvagem” (primeiro ou mítico) dos povos originários. “Se esse é o pensamento em estado selvagem, a construção em estado selvagem é, então, bricolagem” (JACQUES, 2021, p. 24).



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



de ouro – um cenário fantástico, uma típica paisagem hollywoodiana, que remetia a uma visão bíblica e a construção das pirâmides do Egito – em detrimento da vila que exercia a função de centro comercial e administrativo da extração de ouro.⁴ Praticamente apenas fotógrafos amadores a serviço do governo documentaram o funcionamento do comércio popular e de serviços como agências dos Correios e da Caixa Econômica Federal; de postos da Polícia Federal e da Companhia Brasileira de Abastecimento (Cobal), além de um cinema improvisado onde eram exibidos filmes pornográficos.



Fig. 1: Serra Pelada. Marcelo Barbalho, 2023

⁴ Mauricio Lissovsky (2019), ao escrever sobre a exposição *Gold – Mina de ouro Serra Pelada*, afirma: “A extensa documentação que faz Salgado do garimpo tem, na verdade, uma topografia reduzida. Ninguém dorme, ninguém come, ninguém beija, ninguém dança. Habita-se apenas o fundo da cava, as encostas e as escadas – uma delas, de 180 degraus, chamada ‘Adeus, mamãe’ – e a ‘apuração’, onde, com o auxílio eventual da luz elétrica, busca-se no fundo da bateia a faísca de ouro em meio à terra lavada”.



Fig. 2: Serra Pelada. Marcelo Barbalho, 2023

As casas de madeira continuam de pé, ainda – Em outubro de 2023, voltei a Serra Pelada para fotografar as casas de madeira. Fotografei cerca de 50 casas, algumas ainda precariamente de pé, incluindo detalhes de fachadas, portas e janelas. Não havia critérios arquitetônicos na escolha dos imóveis. Andava pelas ruas às vezes seguindo uma indicação de algum morador ou procurando me guiar pela estética das casas – era notável uma certa “identidade visual” nas moradias, um mesmo “estilo”, devido provavelmente à maneira de fabricar baseada em materiais, métodos e mão de obra disponível. Interessava-me particularmente pelas casas que estavam abandonadas e pelas que se resumiam a restos do material que os garimpeiros utilizaram para construí-las.

Uma série de indagações surgiu diante das casas (Fig. 1, 2, 3 e 4). Quantas pessoas moravam em cada casa? Quanto tempo passavam nelas? Eram usadas apenas à noite, para dormir? Os garimpeiros dormiam em redes? As casas consistiam de quantos cômodos? O que se guardava nelas? Utensílios como facas, pratos de alumínio ou de plástico, copos, garrafas, cestos de palha? Havia algum tipo de mobiliário? Como era a iluminação no interior da casa, além



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



da luz do dia que entrava pelas brechas e iluminava seu interior? Luz elétrica, luz de vela, lamparina?

Se era impossível restituir a presença dos garimpeiros em seus barracos de madeira, minha fotografia não deixava de registrar algo de trágico – sem a mesma monumentalidade das produzidas pelos fotógrafos que documentaram os milhares de trabalhadores no garimpo, é claro. Na minha fotografia, a vila de Serra Pelada é quase uma cidade fantasma. Nos registros das casas abandonadas é possível observar vestígios de uma atividade humana anterior – por exemplo, a antena de televisão no telhado deixada para trás pelo último ocupante. Esses vestígios revelam uma vida que foi descontinuada, porque aquilo que justificava a construção das casas desapareceu. Os espaços antes habitados e agora tornados vazios remetiam à perda, ao que estava lá e havia deixado de estar. As madeiras envelhecidas, em processo de deterioração e cobertas de uma poeira vermelha, evocavam solidão, melancolia e desamparo.

Nesse momento, o sentimento de urgência que eu tinha antes de iniciar o trabalho de campo tornou-se concreto. O desaparecimento das casas de madeira estava em curso e eu estava lá para registrar o que em breve deixaria de existir. A fotografia funcionaria como uma arqueologia feita por antecipação ou uma “arqueologia preventiva”, para usar um termo de Paola Berenstein Jacques (2021, p. 115).



Fig. 3: Serra Pelada. Marcelo Barbalho, 2023



Fig. 4: Serra Pelada. Marcelo Barbalho, 2023

Conclusão – O casario remanescente da época do garimpo, além de representar um traço distintivo da arquitetura popular da Amazônia, tem significação histórica e cultural para Curionópolis, a cidade que nasceu a partir da Vila de Serra Pelada. No entanto, essa é uma questão que passa ao largo do



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



debate patrimonial, geralmente pautado no Brasil pela ideia de “valor arquitetônico”, que é conferido a palácios, igrejas, teatros etc. Construções menores, como casas simples, raramente entram na lista de uma relevante arquitetura do passado (DUARTE, 2021).

Na vila de Serra Pelada, onde atualmente vivem cerca de cinco mil pessoas, sobrou pouca coisa do ajuntamento de barracas dos garimpeiros ou dos órgãos instalados pelo governo três décadas atrás. Hoje, a maioria das habitações são de alvenaria e servem de moradia ou comércio. Mais que isso, o novo habitar parte da eliminação do velho. Assim, as casas de madeira, ou o que sobrou delas, transformam-se em um arquivo a céu aberto, vestígios materiais da primeira ocupação de Serra Pelada, resquícios de um mundo já desaparecido ou condenado a desaparecer devido à ação do tempo ou por causa das transformações urbanas.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Romeu. A memória da casa: à arquiteta Cinira d’Alva e suas “casinhas feias”. **Jornal O povo**. 15 nov. 2021. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/colunistas/romeu-duarte/2021/11/15/1-a-memoria-da-casa.html>. Acesso em 31 out. 2025.

JACQUES, Paola Berenstein. **Pensamentos selvagens: montagem de uma herança**, 2. Salvador: EDUFBA. 2021.

LISSOVSKY, Mauricio. Sebastião Salgado no país dos blefados. **ZUM – Revista de Fotografia**. 22 out. 2019. Disponível em: <http://revistazum.com.br/exposicoes/sebastiao-salgado>. Acesso em: 14 mar. 2024.

SALGADO, Sebastião. **Gold: Serra Pelada**. São Paulo: Editora Taschen, 2019.

SALGADO, Sebastião. **Serra Pelada**. Paris: Éditions Nathan, 1999.

SIQUEIRA, Henrique (Org.). **Juca Martins**. São Paulo: Editora WMF, 2015.